

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Professora, a senhora podia começar comentando um pouco sobre como foi a sua infância?

A minha infância, eu fui muito feliz. Eu sou filha das classes populares, eu morei um tempo na Penha, até os meus sete anos, depois os meus pais vieram pra Botafogo e pra Lagoa pra poder nós estudarmos. É, quando eu vim eu tinha sete anos como eu já disse e, antes disso, eu tinha muita vontade de ir pra escola, mas onde eu morava não tinha escola perto, então nós íamos, eu e meu irmão logo abaixo de mim a casa de uma explicadora e foi lá que eu aprendi as minhas primeiras letras. Quando eu entrei na escola, eu já entrei alfabetizada.

E como é que se davam, assim, as relações econômicas, a condição da família, quem trabalhava...

Minha mãe não podia trabalhar, porque nós éramos cinco filhos e quem trabalhava era meu pai. Minha mãe trabalhava em casa, não é justo que eu diga que ela não trabalhava porque uma dona de casa com cinco filhos, uma escadinha pra criar, é muito trabalho e muito desafio. E meu pai é quem descia pra trabalhar e minha avó, minha avó materna que trabalhava também, era quem nos ajudava no sustento e nas dificuldades porque nós realmente tínhamos uma dificuldade econômica grande.

E a senhora acha que o ambiente familiar contribuiu pra sua escolha profissional?

Olha, minha mãe não era professora, minha avó era uma mulher semi-alfabetizada e meu pai era um homem muito culto, que por ter perdido o pai muito pequeno, infelizmente teve que sair da escola, de uma escola que era o Santo Inácio que era pra classe alta e ele sempre gostou muito de ler. Então, ele aos catorze anos perdeu esse pai e largou tudo pra trabalhar porque meu avô na hora do espólio foi muito roubado, então, ele ficou sem nada, minha avó ficou sem nada tendo que criar os filhos. Então, meu pai era o mais velho e saiu pra trabalhar com catorze anos, mas nunca deixou de ler, leu muito, eu diria que ele era um autodidata. E lia muito pra nós quando éramos pequenos, qualquer que fosse a matéria a ser lida. Lia jornal, lia revistinhas, lia gibis e lia também trechos de poesia, fazia poesia, cantava, lia músicas... Então, eu fui criada dessa maneira e isso influenciou muito a minha vida, mas eu não sei se influenciou pra eu escolher a profissão que eu tenho hoje que é ser professora. O fato é que com as minhas bonecas e com os meus colegas, mesmo pequena, eu sempre enfileirava as pessoas pra dar aulas, eu gostava muito de dar aulas e um dia meu pai mandou, então, fazer um quadro negro pra mim, chamado quadro negro, né, num senhor que fazia moldura de quadros pra ver se eu ficava um pouquinho menos irrequieta,

escrevendo com giz, né, que ele comprou uma caixinha de giz pra mim, pra eu poder, então, dar as aulas. E eu dava as aulas tivesse assistência ou não. Às vezes eu acho que dava as aulas pra bonecas, só, mas era mais pra mim mesma.

É, e quanto à sua formação, né, eu fiquei sabendo que, pela senhora mesma, que a senhora foi uma aluna trabalhadora, e como foi isso?

Olha, quando eu fiz, sempre fui da Escola pública, né, eu fiz o primário na escola pública, aliás, numa escola pública que era muito boa, não é por saudosismo que eu digo isso, eu devo muito à minha professora que foi uma só durante todo o meu curso primário, que nos preparava com a maior dedicação, que nos cobrava, nos exigia, não era feio tirar nota baixa, porque ela queria que a gente tirasse nota melhor e não era importante uma recuperação, assim, paralela como é feita de qualquer maneira, jogada, hoje em dia. Ela realmente exigia que nós ultrapassássemos o que ela chamava de dificuldade, certo? . E, quando chegou aos catorze anos, bom, aí eu fui pro Pedro Segundo, também fiz concurso pra lá, estive lá todo o ginásio, quando chegou no final do ginásio, dois caminhos eu tinha pra trilhar: um, que era fazer o curso Normal e ser professora e ao final do Normal já ter um emprego, né, e o outro, que era fazer o clássico ou o científico, ou as escolas técnicas, onde eu não estava. Então, a minha mãe conversou comigo que eu já tinha tanto jeito, eu dava aula pros meus colegas de turma, claro que nas coisas que eu sabia. Então, e ficava muito feliz de fazer isso e de ver que os meus colegas melhoravam. Então, é, a minha mãe conversou comigo que nós tínhamos algu..., a dificuldade financeira era grande, então, quem sabe não seria bom que eu fizesse o concurso pro Instituto de Educação. E eu achei isso uma ótima idéia, mas acontece que como é que eu ia deixar o Pedro Segundo que eu adorava? Né, que eu era do Grêmio, fui a primeira menina a ocupar um grêmio estudantil lá, então, eu não queria de jeito nenhum deixar o Pedro Segundo, então eu me matriculei no clássico e fiz concurso para o curso Normal ,e eu passei. Então, eu fazia o Pedro Segundo de manhã e o curso normal à tarde. Isso, o primeiro ano inteiro e o segundo ano inteiro. Quando chegou no terceiro ano, no curso normal eu tinha que fazer os estágios, que era horário integral. Então, eu tive que abandonar o curso clássico que eu adorava, né, e que foi um exercício de coragem muito grande pra mim, porque você deixar o que você não gosta é fácil, mas você deixar o que você ama verdadeiramente, e aquele colégio tá entranhado (a entrevistada se emociona) na minha vida até hoje. Foi difícil.

E quanto à sua família hoje em dia, a senhora poderia comentar um pouco, como se estrutura...

Os meus pais são falecidos, a minha mãe, quando nós descemos pra morar aqui embaixo, ela arranhou um emprego de inspetora no colégio Pedro Segundo. Meu pai continuou trabalhando, depois teve que se aposentar porque tinha um problema cardíaco grave. Todos os nossos irmãos, com exceção de um, fizemos faculdade. Como se diz na linguagem popular, “fomos adiante nos estudos”, né?

É, a minha avó deu muita força, muito apoio, muito incentivo, meu pai e minha mãe também, minha mãe aí trabalhava muito, porque ela trabalhava em casa, que nós não tínhamos empregada, e trabalhava em dois colégios, não é? Porque a medida que nós melhorávamos, né, e ascendíamos pra outros graus de ensino, o número de livros aumentava e etc. E eu me formei no curso normal e também ajudava, porque naquela época você podia trabalhar dois horários como professora. No primeiro horário você ganhava cem por cento do salário, no segundo horário, embora fosse a mesma carga horária e a mesma responsabilidade, você ganhava só oitenta por cento do salário. Então, o primeiro salário eu dava inteiro na minha casa e o segundo salário eu ficava comigo pra poder comprar as minhas coisas e continuar os meus estudos. Fiz vestibular pra PUC, passei, passei muito bem colocada, e fui bolsista da PUC durante todo o curso de graduação. Fiz o Mestrado em Educação na UFRJ e fiz o Doutorado em Sociologia na USP. Fiz concurso público pra UERJ, sou professora da Universidade, trabalhei também na PUC, logo depois que eu me formei fui convidada a dar aula. Dei aula na PUC de 75 até 1991 e, atualmente, só me dedico à UERJ o que faço com grande alegria. E embora seja um cargo em comissão, né, eu coordene a área de projetos e programas de extensão, eu nunca saí da sala de aula, que é o que eu verdadeiramente, como lhe disse, desde a minha infância, gosto e sinto prazer em fazer.

E, com relação à sua formação e especialização, quais eram os objetivos da senhora ao entrar nessa área de Educação?

Bem, eu acho que quem se coloca como sendo um ator no cenário do magistério, não pode estar desatualizado, tem que estudar sempre, não pode parar nunca. Então, tudo isso não foi só uma exigência da própria carreira, eu também sempre fui uma pessoa curiosa, eu sempre busquei me informar mais, eu sempre busquei vasculhar outras áreas, né, tem áreas que são muito próximas da Educação que é a História, que é a Sociologia, que eu acabei fazendo o Doutorado, né, então essas áreas são pra mim é de muito interesse. Então, não dá pra você parar, como não dá pra você parar de estudar porque você tem que estar constantemente se aperfeiçoando, a sala de aula demanda isso, né, então eu fui, eu continuo, né, até hoje, é, procurando ler, procurando me informar, procurando cursar novas oportunidades, entendeu?. E estar sempre pronta pra me colocar diante das novidades desse campo do conhecimento que foi o que eu escolhi.

E é um desafio, professora?

É um desafio constante, mas o maior desafio mesmo é estar em sala de aula, que a cada semestre renovam-se as dúvidas, renovam-se os atores, renovam-se os companheiros de jornada, e cada aluno é um novo desafio. E isso daí é o que me instiga, isso é o que me atrai, isso é o que me deixa viva, isso é o que me faz. Mesmo depois de vinte e cinco anos de magistério público, e podendo estar

aposentada com os vencimentos integrais, isso é o que me faz permanecer dentro de sala de aula.

E o que é pra senhora ser professora, a senhora definiria como?

A gente escuta por aí que professor é um sacerdócio, né, a profissão de professor é um sacerdócio. É, eu não acho que é sacerdócio. Profissão de professor é um desafio constante. É um exercício de compromisso, compromisso técnico, compromisso político, compromisso pessoal. Eu faço o que eu gosto, por isso eu me envolvo. E me envolvo não é só no sentido de melhoria do meu conteúdo, de buscar novos caminhos, buscar novas literaturas. Eu me envolvo com a turma que está naquela minha vida naquele momento. Então, eu quero saber de todos, eu quero saber de cada um. Eu me desvendo, eu me mostro, eu também quero conhecer e também quero estreitar laços. Esses laços passam pelo conhecimento, esses laços passam pelo conteúdo, esses laços também são pessoais. Tudo isso pra mim é ser professor.

A senhora gostaria de acrescentar mais algum comentário?

Eu gostaria de te agradecer porque você é uma ex-aluna que, tendo essa oportunidade de entrevistar alguém, teve a gentileza de se lembrar de mim. Isso pra mim me é especialmente caro. E eu sou muito agradecida e fico muito feliz de rever você e de estar podendo colaborar com sua pesquisa.

Eu é que agradeço a senhora, muito obrigada.

RESUMO DA ENTREVISTA

Durante a entrevista, a professora comentou alguns aspectos de sua infância, adolescência e idade adulta, sempre tendo como referencial a questão da escola. Dessa forma, ressaltou sua vontade de aprender mesmo antes de ingressar nos primeiros níveis de ensino e apresentou sua trajetória escolar, valorizando questões como o trabalho de sua professora no curso primário e sua forte relação com o colégio Pedro Segundo.

Além disso, a entrevistada teceu comentários relativos à estrutura de sua família, abordando a questão do trabalho. Destacou a difícil condição financeira de seus familiares no passado e o papel desempenhado por esses atores na renda familiar. Em um momento posterior, a professora apresentou seu percurso profissional e enfatizou seu prazer em dar aulas, visto que ainda atua quando já poderia estar aposentada sem prejuízos financeiros. Assim, abordou a estreita relação que procura manter com seus alunos e definiu sua prática como sendo um desafio constante que se renova a cada semestre.

Obs.: Somente foi utilizado o lado A da fita.

CADERNO DE CAMPO

É importante destacar, em primeiro lugar, que a entrevistada foi minha professora da disciplina “O cotidiano escolar: uma prática social em construção” do curso de licenciatura da UERJ no primeiro semestre de 2004. A motivação da minha escolha ao entrevistá-la se deve ao fato de ter percebido a forte relação da mesma com a sua prática, além de ter observado, a partir de seus comentários, a forma singular como a professora valorizava o trabalho, este compreendido aqui de forma ampla, não se restringindo apenas ao magistério.

A entrevista foi realizada no local de trabalho da professora: sua sala na coordenação de programas e projetos de extensão da UERJ. O ambiente de modo geral é bem movimentado e eu percebi que durante a minha espera pela concessão da entrevista o telefone tocava várias vezes, o que me preocupou um pouco. No entanto, ao final da tarde, quando a entrevista foi realizada, o ambiente já estava bem mais calmo, não havendo nenhum tipo de interrupção.

Percebi que a entrevistada estava bastante animada com a expectativa da entrevista. A professora ficou muito feliz ao ter sido escolhida por mim para a realização desse trabalho e ouviu-me atentamente explicar os objetivos da pesquisa. Assim, a entrevista se realizou da melhor maneira possível, pois a professora manifestou grande disposição e até maior desenvoltura do que eu no manejo do gravador. Além disso, o fato de que já nos conhecíamos contribuiu positivamente para o desenvolvimento da entrevista. Ao final, percebi que a

professora estava um pouco emocionada, o que se manifestou mais claramente quando a mesma respondia a quarta pergunta do roteiro.